

Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 79040

Temática: Diversos

Dimensão: 5731

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/20 a 32

“Estou muito grata a Portugal”

Numa entrevista íntima, a maestrina Joana Carneiro fala de ser líder muito jovem, da excelência, do silêncio e das saudades da família.



Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 79040

Temática: Diversos

Dimensão: 5731

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/20 a 32





“Dirigir com flores”

Directora musical da Orquestra Sinfónica de Berkeley, nos EUA, e maestrina convidada da Gulbenkian, **Joana Carneiro** colecciona prémios pelo mundo fora. Um trajecto cunhado pela paixão e glória com a solidão muitas vezes gravada na outra face.

TEXTO SÓNIA MORAIS SANTOS FOTOGRAFIAS PAULO SPRANGER GLOBAL IMAGENS

Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 79040**Temática:** Diversos**Dimensão:** 5731**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/20 a 32

Tem uma caneta na mão a fazer de batuta e está sentada atrás de uma pauta. Gesticula muito, sacudindo os cabelos, e no final elogia o trabalho do tenor, da soprano e do barítono, todos a ensaiar a ópera de John Adams *A Floivering Tree*, a estreiar daí a dois dias, na Gulbenkian. Depois, pede desculpas mas vai repetir aquele trecho. «É só mais um bocadinho, desculpem lá...» Os músicos concordam. Novos gestos, novos olhares, novas correcções. Novos cabelos agitados pelo ar. A seguir pede para repetirem de novo. E de novo. E outra vez.

Há um cansaço geral, o homem ao piano põe as mãos nas costas e suspira profundamente. Joana sorri, fresca. E comanda as hostes com graciosidade e firmeza.

Joana Carneiro tem 33 anos e é maestrina convidada da Orquestra Gulbenkian. Em paralelo, é a directora musical da Orquestra Sinfónica de Berkeley, nos Estados Unidos. Entre 2005 e 2008, Joana foi maestrina assistente da Orquestra Filarmónica de Los Angeles.

Recentemente, recebeu o Prémio Helen M. Thompson Award 2010, da Liga de Orquestras Americanas, destinado a reconhecer directores musicais com potencial excepcional. Em Julho de 2010, ganhou o Prémio Dona Antonia Adelaide Ferreira.

Filha de Roberto Carneiro (que foi ministro da Educação do XI governo constitucional) e da deputada Maria do Rosário Carneiro, Joana é a terceira de nove irmãs. A família é a sua base. Foi com a família que começou, por volta dos 6 anos, a assistir a concertos ao mesmo tempo que aprendia música. Foi a família que a encorajou quando disse aos 7 anos o que queria ser. É da família que mais sente saudades, da sua vida fora de portas.

No início da entrevista, Joana era um ba-luarte. A voz grave, segura, as palavras certas, alguma dureza no tom. Depois, foi se desconstruindo. E deu lugar a uma Joana de voz doce, suave, delicada e até, ao contrário do que seria possível imaginar nos

RECONHECIMENTO

Sinto que sou uma das pessoas neste mundo que têm o grande privilégio de fazer aquilo para que nasceram, que vivem a sua vocação plenamente.



Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 79040**Temática:** Diversos**Dimensão:** 5731**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/20 a 32

Com Bento XVI, em Maio deste ano, no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, durante a cerimónia de cumprimentos ao papa.

primeiros momentos da entrevista, frágil. Uma mulher reflexiva, solitária, madura, que usa repetidamente as palavras «responsabilidade», para definir o trabalho que tem pela frente, e «sorte», para descrever tudo o que a vida lhe tem dado.

Trabalhadora, humilde, segura, genial, seriam outras palavras igualmente certas.

— **Quantas pessoas tem sob a sua alçada na Orquestra de Berkeley?**

Temos 65 músicos a contrato e uma parte variável que oscila entre vinte e quarenta músicos. Os nossos concertos têm, em média, entre setenta e cem músicos.

— **É muita gente. Não teve medo no dia em que chegou lá pela primeira vez e viu toda aquela gente e pensar: «Eu, que ainda há pouco tempo era só uma menina, vou dirigir todos estes talentos?»**

Não é há pouco tempo! Eu sinto-me uma miúda! Sinto que estou no início da minha carreira e que tenho uma grande, grande responsabilidade.

— **E medo? Aquele frio no estômago?**

Não sinto propriamente medo. Porque temos uma equipa ótima e tenho tido a sorte de ter tido mentores que me têm ajudado muito desde o primeiro momento

em que cheguei a Berkeley. O que sinto é esse peso, essa responsabilidade.

— **Dirigir tantas pessoas, tantos talentos, tantos egos, deve ser muito difícil. Já teve de fazer voz grossa? Como é, no fundo, construir essa liderança? Porque quando se é líder nem sempre se pode ser amado...**

Toca num ponto importante e que tem tido um desenvolvimento muito interessante em mim. Se me fizesse essa pergunta há 12 anos, quando comecei a dirigir, a minha resposta seria radicalmente diferente. Mas o tempo e a experiência encarregaram-se de me transformar. E ainda bem.

— **Há 12 anos, qual seria, então, a resposta?**

Há 12 anos, a liderança tinha muito que ver comigo. E talvez com essa necessidade de ser amada. É evidente que temos de sentir um certo grau de sintonia para conseguirmos construir qualquer coisa musicalmente juntos. É evidente que há uma parte de nós que quer ser aceite, porque só assim conseguimos construir qualquer coisa. No entanto, tenho fama de ser uma pessoa com características de líder, mesmo no seio familiar, no bom e no mau sentido. E no princípio era muito acerca de mim. Mas sinto que a vida se encarregou de me fazer perceber que liderança, e sobretudo na di-

recção de orquestra, não tem que ver com isso, com uma forma assertiva de mostrarmos as nossas ideias. Tem que ver com uma forma de conseguir inspirar, pela mensagem que transmitimos com o nosso corpo e através das nossas palavras, os músicos. Que vem daquilo que nós imaginámos, daquilo que o compositor nos disse, mas também do som que é partilhado e oferecido pelos músicos.

— **É um trabalho de equipa.**

Sim. Um grande mecenaz da minha orquestra [Berkeley], que morreu há um mês mas que tive a oportunidade de conhecer mais ou menos bem neste curto ano, disse-me uma coisa, há seis meses, que me trouxe paz. Disse-me que tenho uma forma de liderar que não é com um martelo. Uma forma de liderar com penas e com flores. E que eu só tenho de ser quem sou, toda a vida. E isso deu-me uma paz muito grande...

Diário Notícias	Periodicidade: Diário	Temática: Diversos
Notícias Magazine	Classe: Informação Geral	Dimensão: 5731
19-09-2010	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 79040	Página (s): 1/20 a 32

Há dez anos liderava com um martelo?
Não era com um martelo, até porque eu nem sabia ainda o suficiente. Mas creio que a vida me transformou profundamente. As alegrias e as tristezas, os extremos. A solidão em que muitas vezes vivo, as muitas viagens, o muito tempo que tenho tido para pensar. O tempo que me é dado, quer eu queira quer não, para pensar e esta solidão que faz parte da minha vida, imposta ou não, têm-me transformado.

Há tristeza nessa solidão de que fala?
Existe. Não vou esconder que existe. [silêncio] Existe muita tristeza.

E é uma tristeza que a leva para sítios fundos e escuros?

Eu diria que a resposta curta é não. Porque sou uma pessoa naturalmente optimista, tenho uma natureza que procura constantemente soluções para as questões que me são colocadas. Mas a verdade

é que quando estamos sozinhos existe esse espaço, existem esses momentos.

Quando estava a preparar-me para esta entrevista apercebi-me de que a sua vida é feita de som e de silêncio. Como é que gere essa dualidade do cheio e do vazio que é a sua vida?

Bem... nem sempre é fácil a parte do silêncio. Quando estudava direcção de orquestra é evidente que sonhava em vir a ter uma carreira internacional. Acho que todos sonhamos. Mas aquilo que não nos ensinam é o que isso implica e quais são as consequências. Há as consequências positivas, que são múltiplas, mas há desafios que nem sempre são fáceis de viver. E essa dualidade, essa questão do som e do silêncio, é uma delas. Tenho procurado um grande significado no silêncio. O silêncio que tem sido imposto na minha vida, às vezes de uma forma muito destrutiva, creio que tenho conseguido transformá-lo numa oportunidade

SAÚDE

Existem poucos maestros no mundo com problemas cardiovasculares, nós ensaiamos três a seis horas por dia, às vezes mais, e isso dá-nos endurance.



Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 79040**Temática:** Diversos**Dimensão:** 5731**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/20 a 32

de aprendizagem. É uma oportunidade para crescer, para me transformar e para imaginar, que é muito importante. Mesmo quando pensamos numa obra musical que é feita de silêncio e de música, o silêncio é fundamental para separar ideias, o silêncio é fundamental para clarificarmos aquilo que acabámos de ouvir, para digerirmos o que acabámos de ouvir, para prepararmos o que vamos escutar. E na minha vida, aquilo que tenho aprendido é isso mesmo: que o silêncio é uma oportunidade para clarificar o que é a minha vida, de onde vim, o que me aconteceu, e talvez o que quero fazer no som a seguir.

— **Se, porém, lhe tivessem dito enquanto estudava que ia ser assim, feita também de silêncio e de saudade, a sua vida, poderia ter seguido outro caminho?**

Não!

— **Porque as saudades são algo que lhe está muito presente e que lhe dói.**

Sim, sim. É uma tristeza real. Real. Mas não. Tenho a certeza absoluta de que não teria hesitado. Porque sinto que sou uma das pessoas neste mundo que têm o grande privilégio de fazer aquilo para que nasceram, que vivem a sua vocação plenamente. Portanto, apesar de imaginar que encontraria felicidade noutra profissão, com certeza, sinto que tive a sorte de encontrar realmente um chamamento e de vivê-lo desde cedo. O resto? É uma questão de organização, de aprendizagem. É uma oportunidade.

— **Como é viver em Berkeley? Já se sente em casa ou há um sentimento de ser uma *outsider*?**

Não me sinto tão em casa como em Lisboa. Mas sinto-me cada vez menos *outsider* em Berkeley. E também em Los Angeles, porque passei lá muitos anos, e anos maravilhosos da minha vida. Alguns dos melhores anos da minha vida foram passados em Los

Angeles. Berkeley é ainda uma fase de descoberta. Não me sinto totalmente em casa, mas tenho uma casa para a qual volto, vou sempre para o mesmo espaço geográfico, tenho o meu carro, tenho já um grupo de amigos muito importantes... e Berkeley tem-me surpreendido muito. Para mim, que sou uma pessoa recatada, discreta, ou pelo menos tento ser, Berkeley tem-me ensinado muito acerca do que a imaginação humana nos pode dar.

Como assim?

Berkeley é considerado um local, mesmo dentro dos EUA, de experimentação, um laboratório. É uma comunidade académica, existe muita abertura de espírito, muita abertura intelectual. A inovação é esperada, a originalidade é esperada, as pessoas querem ser surpreendidas em todos os campos. Por isso, em Berkeley – e mais do que em »

» qualquer outra cidade americana onde já vivi – sinto isso. E tenho visto algumas das coisas mais extraordinárias da minha vida.

— **Por exemplo?**

Por exemplo: eu há uns meses estava a ir para casa, de carro, e encontrei uma pessoa na rua a fazer jogging ao contrário.

Como, ao contrário?

Ia a correr para trás. E eu segui-a, ela correu talvez durante uma milha assim. Olhava para trás, de vez em quando, para ver o caminho, mas lá foi. E são estas pequenas coisas que vou encontrando em Berkeley que acho que dificilmente encontrava noutra parte do mundo. Uma pessoa a correr para trás...

— **Isso é espantoso.**

Sim.

Há pouco falava de ser discreta.

E uma das coisas que acho curioso é a maneira como se veste quando dirige uma orquestra com essa discrição. Acha que o facto de ser mulher já é motivo de distração suficiente? Isto é: trata-se de uma opção consciente?

É consciente. Eu devo confundir-me com a orquestra, quando falamos de indumentária. Ou seja, ficaria muito triste se aquilo de que as pessoas se lembrassem de um concerto fosse...

— **... O seu magnífico vestido...**

Sim. Eu acho que existe essa curiosidade no princípio, sobretudo para quem não me viu ainda dirigir: será que dirige de saia, de calças, de vestido, de fato? Mas espero que essa curiosidade dure os segundos que eu demoro a chegar ao sítio onde vou dirigir. É esse o meu objectivo: que aquilo que visto seja muito parecido com o que a orquestra veste. É uma preocupação absolutamente consciente. Agora, o Nuno Baltazar, que é um criador que eu adoro, trouxe uma dimensão àquilo que faço que eu não esperava. Porque eu não só queria ser discreta como era realmente muito austera em relação ao que vestia. E o que ele me tem ensinado é que essa discrição pode ser vivida de uma forma mais feminina, sem ofuscar, sem distrair aqueles que estão a ver.

— **O facto de ser mulher – e esta é uma pergunta que a vai perseguir provavelmente para sempre – dificultou-lhe a vida em algum momento? Sentiu que era uma barreira que tinha de ultrapassar?**

Não. Nunca senti essa barreira. Nunca me aconteceu qualquer coisa de negativo na minha carreira pelo facto de ser mulher.



PERCEÇÃO

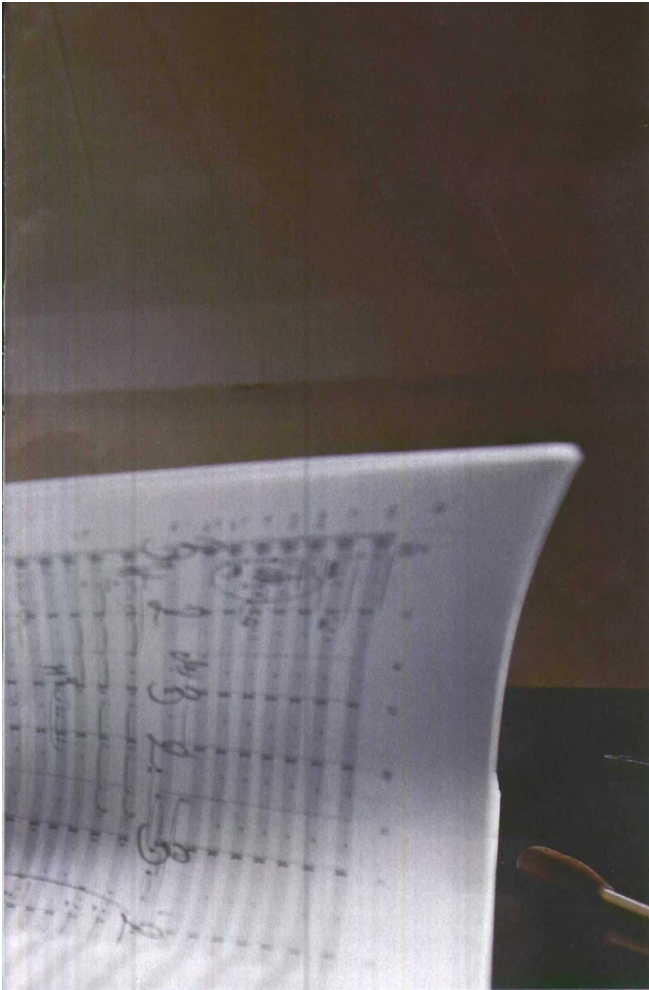
Tenho procurado um grande significado no silêncio. Tenho conseguido transformá-lo numa oportunidade de aprendizagem.

E na verdade também não aconteceu qualquer coisa de positivo. No mundo musical tenho sentido que o que as orquestras, os públicos e todos querem é ser inspirados. Querem maestros preparados, pessoas que consigam transmitir qualquer coisa claramente. Sejam homens ou mulheres. E por ter sentido sempre essa liberdade no exercício da minha profissão, faço parte de uma geração muito privilegiada. Se fosse mais velha dez ou quinze anos tudo seria diferente.

— **E é aí que entra um factor determinante: os seus pais, de outra geração, nunca lhe disseram: «Não vás por aí.» Ou pelo menos, «vai ser difícil, pensa bem...»**

Nunca. E isso é muito estruturante. Eu era muito nova quando falei pela primeira vez em dirigir uma orquestra, teria 7 anos.

Diário Notícias	Periodicidade: Diário	Temática: Diversos
Notícias Magazine	Classe: Informação Geral	Dimensão: 5731
19-09-2010	Âmbito: Nacional	Imagem: S/Cor
	Tiragem: 79040	Página (s): 1/20 a 32



E os meus pais não só não destruíram o meu sonho como, pelo contrário, me estimularam e deram todos os meios materiais e espirituais para o fazer. Deram-me, em primeiro lugar, os meios para eu sonhar, uma liberdade imensa. E por isso, quando ouvi o primeiro comentário negativo acerca de ser mulher e dirigir, já era tarde de mais para voltar atrás.

— **Lembra-se desse primeiro comentário?**
Lembro. Tinha 21 anos e ouvi-o da boca de um colega maestro que me disse que achava que as mulheres deveriam dirigir mas só determinado tipo de repertório...

— **Ah, por momentos pensei que tivesse sugerido que as mulheres deveriam dirigir apenas os tachos...**

Não! [risos] Não chegou a tanto. Mas disse que deveriam dirigir talvez Händel, Mozart, mas que não imaginaria que uma mulher tivesse o que era necessário para dirigir Wagner, Mahler, compositores do final do século XIX. É evidente que fiquei chocado não só de ouvir isto, mas de ouvi-lo de uma pessoa da minha geração, e um colega de profissão. Mas era demasiado tarde para voltar atrás, não só para voltar atrás como para me sentir afectada por um comentário, para sentir que isso podia ser destrutivo de alguma forma.

— **Essa ideia da preparação física e do esforço físico é uma coisa que fica muito latente quando se vê a Joana »**

Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 79040**Temática:** Diversos**Dimensão:** 5731**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/20 a 32

... a dirigir uma orquestra... porque existe, de facto, um despende de energia física brutal. Fica muito extenuada depois de um concerto, perde peso?

É uma boa pergunta. Nunca consegui comprovar se perco peso. Quando penso no assunto já é tarde, porque não me peso antes dos concertos. Os maestros, em geral, têm uma condição física bastante boa. Existem poucos maestros no mundo com problemas cardiovasculares, por exemplo, porque nós ensaiamos três a seis horas por dia, às vezes mais, e isso dá-nos *endurance*.

Costuma dizer que tem o privilégio de trabalhar com o belo. Há lugar para o feio, já dirigiu obras feias?

Isso é muito subjectivo... Mas para mim, sim. Já dirigiu obras de que não gostei.

E que eram feias.

E que para mim eram feias. E isso aconteceu de vez em quando na minha vida porque trabalho muito com música contemporânea, portanto, há obras que desconheço até ao dia em que me chega a partitura a casa, e já sei que vou dirigilas passados uns meses. Mas é muito im-

portante dar lugar a essa experimentação. Há um grupo de compositores que eu programo recorrentemente, mas é importante continuar a desafiar o meu conforto emocional dentro da música. Mas, sim. Já dirigi várias coisas de que não gostei e que tive a certeza de que não voltaria a dirigir, e não voltarei. Com certeza.

Seja como for, na maior parte das vezes trabalha com o belo. No entanto, pensou trabalhar com o feio, com o sofrimento, com a doença. Porque pensou ser médica e chegou a estudar Medicina. Porque é que queria ser médica? Não sei muito bem. Sou uma pessoa muito emocional, sempre fui desde criança. E sempre me pareceu uma coisa construtiva. Uma prima nossa era uma grande pediatra e muito próxima da família, por isso, eu sentia uma grande admiração por ela e que trazia alegria e felicidade à vida de muitas crianças. Depois existe outra questão: eu era boa aluna e isso permitia-me ter esse sonho também. Estive alguns anos em Medicina, não cheguei a completar o segundo ano porque comecei a dividir as cadeiras por vários anos até concluir que, na verdade, o meu caminho era a música.

Ambas – a Medicina e a direcção de orquestra – têm em comum uma reposição da ordem. A ordem é central em si?

Definitivamente. Essa vontade de encontrar um sentido em tudo o que faço, de encontrar um sentido e uma construção para tudo o que existe na minha vida, é central em mim.

Acha que esse desejo de ordem terá que ver com o facto de ter nascido numa família numerosa? Porque se imagina uma família com nove filhos como algo caótica?

Não creio que nasça daí. Acho que é mesmo a minha natureza. Porque quando penso na minha infância, na minha adolescência, e no facto de ser a terceira de nove irmãos, a última palavra de que me lembro é caos. Lembro-me até de várias pessoas entrarem na nossa casa e ficarem surpreendidas com o silêncio que existia. Quando éramos mais novos, aí sim, recordo-me de ficar à mesa exasperada com o barulho. Mas à medida que fomos crescendo é impressionante como a nossa família se transformou, e como somos todos tão parecidos. Quando estamos a jantar juntos, coisa que acontece com frequência, existe uma conversa única. Conversa

Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 79040

Temática: Diversos

Dimensão: 5731

Imagem: S/Cor

Página (s): 1/20 a 32

AMOR

Quando as pessoas constroem uma relação transformam-se. O que as une pode ser o não gostar de música erudita, pode ser esse o desafio!

mos todos sobre a mesma coisa. Por isso, caos não é a palavra que me vem à cabeça, apesar de ter a certeza que existiu! Sobretudo quando penso nos meus pais, na altura em que tinham nove filhos, o mais velho com 15 anos e o mais novo com um mês de vida... Mas aquilo que nos transmitiram sempre foi uma paz e uma alegria e uma felicidade muito grande.

— **Quando lhe falo na infância, a sua memória vai para algum ponto em particular?**

Sim, sim. Vai para a minha vida em família, sempre. E disso que eu me lembro. Aliás, tenho muito poucas memórias de estar na escola, por exemplo. Lembro-me de poucas coisas para além da minha experiência familiar.

— **Fale-me lá, então, dessa experiência. Como era a vida com tanta gente?**

Lembro-me de brincar com os meus irmãos mais velhos. Muito. Lembro-me de fazermos muitas coisas, de fazermos brincadeiras com berlindes, de andarmos de bicicleta juntos, de saltarmos à corda... de vermos os desenhos animados juntos...

— **Lembra-se da sua mãe grávida?**

Constantemente. Aliás, a imagem da minha mãe que eu tenho a crescer é a de uma mulher à espera de bebé.

Tão bonito.

É assim que eu me lembro da minha mãe.

— **E lembra-se do nascimento dos seus irmãos como uma alegria?**

Lembro-me de uma grande alegria. Os meus pais costumavam anunciar-nos a todos que iam ter mais um irmão. Chamavam-nos sempre ao quarto deles. E lembro-me sobretudo dos dois últimos, da Inês e do António, de estar com os meus irmãos no andar de cima e de os pais nos chamarem para irmos ao quarto deles e de olhar para os meus irmãos e encolher os ombros como quem diz: «Acharão que nós não sabemos o que é?» O nascimento de mais um irmão era sempre vivido com muita alegria. Mas às tantas já não era propriamente uma novidade. Fazia parte da nossa vida que a família fosse crescendo, crescendo, crescendo. E lembro-me bem de eles nascerem e de visitar a minha mãe no hospital. Lembro-me de eles virem para casa, lembro-me do berço...

— **E de ajudar a cuidar deles também?**

Eu não!

[risos] Então?

Sempre tive uma relação muito próxima com os meus irmãos, mas tenho dificuldade em relacionar-me com quem não comunica de forma que eu consiga compreender. E como éramos muitos, se um dos meus irmãos chorava, havia sempre alguém que podia ir lá antes de eu ir.

— **Com oito irmãos, foi difícil encontrar o seu espaço para descobrir a sua individualidade?**

Não. Eu não senti isso nunca. E agora, quando racionalizo, acho que a nossa família é uma prova de que sempre existiu esse espaço individual. Nós somos nove irmãos, nove pessoas muito unidas e com valores muito semelhantes, mas que seguiram nove carreiras completamente diferentes e que encontraram a sua vocação única e especial.

Isso é extraordinário.

E lembro-me de os meus pais dizerem muitas vezes, publicamente, que tinham nove filhos únicos. Durante muito tempo não percebi o que isso significava mas agora, olhando pa- »

Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 79040**Temática:** Diversos**Dimensão:** 5731**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/20 a 32

era os meus irmãos e vendo aquilo em que nos tornámos, realmente os meus pais conseguiram que cada um encontrasse a sua vocação, o seu talento especial, aquilo a que querem dedicar as suas vidas... é uma coisa extraordinária. Os meus pais conseguiram sempre fazer que os filhos se sentissem únicos.

Aos 6 anos foram todos estudar música da mesma maneira como começaram a estudar outras coisas: Português, Matemática... Como é que escolheu o seu instrumento?

Eu queria tocar numa orquestra e, por isso, teria sempre de escolher um instrumento de orquestra. O meu irmão mais velho tocava violino, por isso eu pensava ser uma redundância escolher

o mesmo instrumento que o meu irmão. A minha irmã Teresa, mais velha, tocava piano, portanto eu não escolheria também piano. Viola de arco era um instrumento menos popular na escola. E, em geral, um instrumento menos popular que o violino ou o violoncelo ou o contrabaixo. Por isso, pareceu-me muito mais interessante escolher um instrumento que só duas ou três pessoas tocavam.

Isso diz tanto sobre si...

[risos] Também me lembro de ter pena do professor de viola de arco, por ter só três ou quatro alunos enquanto os professores de violino tinham vinte, trinta ou quarenta. Mas havia também esse sentido de originalidade.

Quem aprende música, quem tem formação musical, é uma melhor pessoa?

Eu não ousa dizer uma coisa dessas! Aquilo que nos transforma nas pessoas que somos pode vir de tantos lados! No que eu acredito, do que tenho a certeza, é que a formação pelas artes é fundamental na construção de um ser humano. E a formação pela música tem características muito particulares que ajudam nessa construção. Mas penso que existem várias formas de se ser uma pessoa extraordinária.

Então, ponhamos a coisa de outro modo: o que ganha quem aprende música?

Quando estudamos música existe um raciocínio que faz parte da música, uma forma de estruturar o pensamento, uma forma de memorizar que é muito interessante. Existem estudos feitos sobre crianças que tinham pouco sucesso a Matemática que melhora-

Diário Notícias

Notícias Magazine

19-09-2010

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 79040**Temática:** Diversos**Dimensão:** 5731**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/20 a 32**MOMENTO**

O tempo que me é dado para pensar e esta solidão que faz parte da minha vida, imposta ou não, têm-me transformado.

ram através do ensino paralelo de música. Por outro lado, quando pensamos na prática musical em conjunto, há o sentimento de responsabilidade individual num grupo. Há a disciplina que ensina uma criança a dar qualquer coisa de si. A deixar qualquer coisa de si. Porque o bem comum é muito mais importante do que o bem individual. E, para além disso, há o desenvolver da imaginação. Claro.

— **Só gosta de música erudita?**

Não! Gosto de muitos tipos de música, de todos os tipos de música. Desde que exprimam qualquer coisa com que me identifico, com que encontro uma semelhança na minha vida afectiva, quotidiana.

— **Acha que era capaz de amar alguém que não gostasse da música de que gosta, da música erudita?**

Sim...sim! Sim. Tenho a certeza absoluta que sim. Até porque do que não gosto hoje pode ser o que amo amanhã. E quando as pessoas constroem uma relação de qualquer natureza transformam-se. O que nos une no princípio podem ser múltiplas coisas. Até pode ser o não gostar de música erudita, pode ser esse desafio! Portanto, não é uma restrição. Não!

— **Aos 9 anos recebe a sua primeira batuta. Sei que ainda a tem. Qual é o significado dessa batuta?**

É o significado da vida vivida em liberdade. Essa batuta representa a compreensão do meu sonho por parte daqueles me amam.

Representa as suas asas.

Sim. As minhas asas. A minha estrutura.

— **Como é a relação com a sua mãe?**

[silêncio] É indescritível. Sinto uma sintonia muito especial com a minha mãe. Sou muito parecida com ela, dizem-me muitas vezes. E aquilo em que tenho reparado, à medida que vou crescendo, que vou envelhecendo, é que, quase diariamente, quando me olho ao espelho de manhã, à noite, vejo a minha mãe. Constantemente. E há uma proximidade enorme, quase como se fôssemos... não queria dizer, «almas gêmeas», mas é talvez a expressão mais aproximada. Sinto uma grande admiração pela pessoa que ela é. A minha mãe é uma pessoa com uma alegria extraordinária. E eu espero ter herdado essa alegria.

E o pai?

[suspiro] É tão difícil dizer tudo... porque é tanto. O meu pai, tal co- »



GRATIDÃO

Questiono-me muitas vezes porque é que a vida tem sido tão generosa comigo. Na família em que nasci, no país em que nasci – um país que me amparou desde cedo, que me ajudou a transformar e a desenvolver a minha imaginação artística.

Como a minha mãe, é uma pessoa que me tem ensinado muito, pelo seu exemplo. Muito do que sou hoje, muito da minha prática, daquilo em que acredito, daquilo que espero ser, no meu trabalho e nas minhas relações humanas, tem que ver com conversas que o meu pai teve comigo, desde sempre. E em muitos momentos da minha vida precisei de recordar essas palavras. Por isso, o meu pai é uma figura central, no exemplo que é, nos valores que tem, e na forma como isso me tem mantido segura e de cabeça erguida. Mesmo nos momentos em que poderia estar com a cabeça baixa. O meu pai, talvez sem saber, dá-me essa força constantemente. [como ve-se] É uma pessoa que me compreende sem me dizer nada. Sem exprimirmos palavras. É uma grande base na estrutura que eu sou.

Que palavras usaria para se definir?

Sou uma pessoa com muita sorte, sobretudo. Uma pessoa com muita sorte. Que tem tido muitas graças na vida e que tem tido a sorte de ter muito amor, que tem tido a sorte de conhecer pessoas extraordinárias que me salvam diariamente, na música e não só. Questiono-me muitas vezes porque é que a vida tem sido tão generosa comigo. Na família em que nasci, no país em que nasci – um país que me amparou desde cedo, que me ajudou a transformar e a desenvolver a minha imaginação artística – numa casa como esta, a Fundação Gulbenkian, que me tem acarinhado tanto...

Não está a pôr muito o acento tónico na sorte? Então é o seu esforço, o seu mérito, o seu talento?

Bom, eu acho que trabalho... mas aquilo que sinto é que há muitas pessoas neste mundo que trabalham muito e não têm as oportunidades que eu tive. Por isso, existe um factor sorte, existe um factor mistério na minha vida. Nas alturas mais difíceis da minha vida, acabo sempre por ter muito mais coisas para agradecer do que para pedir. [silêncio] É realmente isto é uma graça enorme. Que tem que ver com coisas misteriosas e que nos são dadas gratuitamente. E nesse sentido, acho que sou uma pessoa com muita, muita sorte.

De onde acha que vem essa sorte?

É evidente, não é? De onde acho que vem essa sorte? Vem de qualquer coisa que vai muito para além daquilo que é terreno.

Deus?

Vem de Deus. Com certeza. Não tenho dúvidas que sim. Não tenho dúvidas.

Quando se chega a meio dos 30 anos, para onde a Joana caminha [tem 33], algu-

mas pessoas começam a fazer uma espécie de balanço e a pensar em envelhecer, a pensar na morte, a pensar no sentido de tudo isto. Ocorrem-lhe estes pensamentos?

Não sei se penso mais nisto do que as outras pessoas.

A questão da morte, por exemplo. É uma questão resolvida dentro de si?

Tanto quanto é possível para um ser humano. Diria que não sou atormentada por isso. Em muitos momentos da minha vida tenho dito a muitas pessoas à minha volta que poderia morrer nesse instante que morreria feliz. É uma sensação maravilhosa, essa sensação de tanto que me tem sido dado... Por isso, não sei se a questão da morte está resolvida, mas felizmente sinto uma certa paz em relação a isso, sinto que o que for vai ser bom. De certeza absoluta. Sinto essa fé.

A maternidade para uma mulher que nasceu numa envolverência familiar tão forte é um desejo? E para lá do desejo, sente a pressão de ser mãe? Porque as mulheres, ainda hoje, são muito pressionadas para serem mães. Socialmente, biologicamente...

Sim. Sim. É um assunto difícil. [silêncio] Difícil para mim. Quando penso na minha família, penso na família como a minha vocação primeira. Portanto, gostaria, gostaria muito de passar por isso. Para uma pessoa como eu, que privilegia tanto a família e que vive num exemplo de tanto sucesso afectivo, o natural é continuar isso. E vive-lo.

Porque é que é um assunto difícil?

Porque ainda não passei por ele. Porque ainda não tive essa oportunidade. E espero ter essa sorte. Espero construir esse caminho também, um dia. Ter a minha família.

Numerosa?

Bom, a minha idade já não permitira, provavelmente, chegar aos nove filhos... [risos]

Como é que imagina o seu futuro? Imagina-se, por exemplo, ministra, como foi o seu pai? No seu caso, ministra da Cultura, por exemplo?

Não! Não me imagino! De todo. Penso que a minha vocação, no sentido da transformação social, e através da prática artística. Não me imagino a fazer qualquer coisa para além daquilo que faço. Mas logo se vê. Logo se vê. Não vale a pena imaginar o que não vai acontecer. O que vale a pena é viver.